

A Língua de Sinais Caseira sob o prisma do Modelo de Construção Analógica de Iconicidade Linguística

The Homesign Language from the perspective of the Analogue Building Model of Linguistic Iconicity

Lenguaje de Señas Caseras a través del prisma del Modelo de Construcción Analógica de la Iconicidad Lingüística

Ivanete de Freitas Cerqueira

RESUMO

O Brasil, país multilíngue, apresenta uma enorme variedade de línguas faladas e de sinais. No tocante às últimas, ainda existem locais onde a Libras (Língua Brasileira de Sinais) não é utilizada. É o caso de Surdos que se comunicam por meio das Línguas de Sinais Caseiras (LS-Cas). Assim, devido a seu teor fortemente motivado, propusemos a descrever a iconicidade presente nesses sistemas, com base no Modelo de Construção Analógica de Iconicidade Linguística. Neste trabalho, foram utilizados dados provenientes de informantes surdos, os quais foram eliciados por meio da Técnica de Nomeação Espontânea. Quanto aos resultados, pudemos constatar que todos os sinais da Língua LS-Cas são constituídos dos parâmetros: Configuração de mãos, Movimento, Ponto de Articulação, Orientação e Expressão Não-Manual. Ademais, a formação desses sinais segue as mesmas etapas descritas no modelo: seleção, esquematização e codificação, o que nos mostra um nível de organização satisfatório na LS-Cas, no que tange à combinação de parâmetros e, conseqüente, formação dos sinais.

Palavras-chaves: Iconicidade; Língua de Sinais; Língua de Sinais Caseira.

ABSTRACT

Brazil, a multilingual country, has a huge variety of spoken and sign languages. Regarding the latter, there are still places where Libras (Brazilian Sign Language) is not used. This is the case of deaf people who make use of Homesign Languages as a means of communication. Thus, because of its strongly motivated content, we proposed to describe the iconicity present in these systems, based on the Analogue Construction Model of Linguistic Iconicity. In this study, data from deaf informants were used, which were elicited using the Spontaneous Naming Technique. Regarding the results, we could see that all the analyzed signals are composed of the parameters: Hand Configuration, Movement, Location, Orientation and Non-Manual Expression. Moreover, the formation of these signs follows the same steps described in the model: selection, schematization and codification, which shows us a satisfactory level of organization, with regard to the combination of parameters and, consequently, formation of signals.

Keywords: Iconicity; Sign language; Homesign Language.

1 Introdução

As Línguas de Sinais (LS) têm sido mundialmente reconhecidas como o meio de comunicação oficial das comunidades surdas presentes ao redor do mundo. Os Surdos vêm ganhando mais espaço na sociedade e tendo seus direitos exercidos. Todavia, apesar desse fato, faz-se necessário esclarecer que, no Brasil, ainda existem locais onde os Surdos não utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como é o caso daqueles que, sem acesso à Língua de Sinais (LS) oficial, utilizam as Línguas de Sinais Caseiras (LS-Cas), enquanto meio de comunicação (AUTOR, 2014, 2016, 2020).

Há muitas pessoas que consideram a LS-Cas gestos aleatórios, decorrentes de pantomima produzida por Surdos nascidos em famílias ouvintes, não-sinalizantes. Assim, pelo fato de essa LS ser confundida com mímica, questionamos em que medida os Sinais Caseiros (SC) são realmente icônicos.

Dessa forma, com base em estudos sobre iconicidade em Libras e LS-Cas (BERNARDINHO *et al.*, 2011; COSTA, 2012; NUNES, 2013; AUTOR, 2014, 2016; CAMACHO *et al.*, 2017; PEREIRA; LIMBERTI, 2019), propusemo-nos a descrever a iconicidade presente nos sinais caseiros, segundo o Modelo de Construção Analógica de Iconicidade Linguística (TAUB, 2000).

Para este trabalho, foram utilizados dados provenientes de dois informantes surdos, residentes em municípios acreanos, no vale do Juruá. Na época da coleta de dados, eles ainda não haviam tido contato com a Libras. Ambos os sujeitos foram eliciados por meio da técnica de Nomeação Espontânea (TEIXEIRA, 2006), a qual consiste em mostrar uma imagem ao sujeito, para que este apresente o sinal que utiliza ao designar objetos, animais, alimentos e locais. Na análise, como já informado, seguimos o construto teórico de Taub (2000), descrito pelas pesquisadoras (2016), em seu trabalho sobre iconicidade.

2 As línguas de sinais brasileiras

O Brasil, país multilíngue, apresenta uma enorme variedade de línguas faladas e de sinais. No tocante às línguas sinalizadas, além da Libras (Língua Brasileira de

Sinais), há também as Línguas de Sinais Indígenas, as Línguas de Sinais de Vilarajo e as Línguas de Sinais Caseiras, como veremos a seguir.

2.1 A LIBRAS (Língua de Sinais Brasileira)

É perceptível que a cada dia os Surdos vêm ganhando mais espaço na sociedade e tendo seus direitos exercidos. Em muitos lugares, essa evolução tem sido morosa, fazendo com que eles percam muito tempo, não só na questão da educação, mas em todos os aspectos da sua vida funcional. A comunidade surda do Brasil teve um ganho enorme quando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida através da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002, já que foi instituída como língua e ganhou estatuto máximo, o de língua oficial.

A Libras, da mesma forma que as línguas orais (LO), possui regras próprias e gramática. Ao contrário do que muitos ainda pensam, conforme Quadros e Karnopp (2004) e Gesser (2009), as línguas de sinais não são mímicas, tão pouco o alfabeto manual simplesmente. Elas são línguas capazes de expressar conceitos abstratos e sem qualquer ligação histórica com as LO. Do ponto de vista linguístico, possuem todos os níveis que estruturam uma língua.

Em termos fonológicos, a Libras possui o que são chamados de parâmetros: Configuração de Mão (CM), Movimento (M), Locação (L), Orientação, Expressões Não-Manuais (ENM). As Configurações de Mãos tratam da forma que a mão toma ao sinalizar; o Movimento indica qual a movimentação feita ao realizar o sinal; já a Locação é a parte do corpo ou área em que o sinal é realizado; e, quanto à Orientação, refere-se à direção para onde a palma da mão está voltada durante a sinalização; por fim, as Expressões Não-Manuais dizem respeito às expressões faciais e corporais, as quais podem indicar aspectos gramaticais, tais como, intensidade, grau, continuidade. (QUADROS; KARNOPP, 2004)

A respeito da Morfologia, Quadros e Karnopp (op. cit.) explicam que durante o processo de criação de sinais, as unidades mínimas de significado, os morfemas, formam sistemas combinatórios. E quanto à sintaxe, o espaço de sinalização da Libras abrange a área delimitada na frente do corpo da pessoa, cabeça, quadris. Em relação à organização das palavras, na frase, a ordem básica da Libras é S(sujeito), V(verbo) e O(objeto), entretanto, existem variações, como: OSV e SOV.

Diante disso, Silva (2014, p. 2) conclui que “a Libras é uma língua humana, assim como as outras línguas faladas, embora de modalidade diferente”. Dessa forma, a Lei de Libras, ao legitimar a língua prestigia também a comunidade que a utiliza, fornecendo, de certo modo, espaço e oportunidade para que os Surdos vivam como cidadãos na sociedade.

Isso porque, segundo Alves e Frasseto (2015), sendo a língua essencial para o desenvolvimento cognitivo e para a socialização do indivíduo, o estabelecimento da lei ajuda, principalmente, a criança surda a ter acesso à LS para desenvolver sua comunicação. Segundo o autor, é importante que se tenha clareza “dos benefícios proporcionados frente ao desenvolvimento cognitivo de pessoas surdas, principalmente quando seu acesso ocorre de maneira precoce” (p. 219), pois a surdez não é um obstáculo ao desenvolvimento natural do surdo. É assim que a Lei de Libras ajuda na acessibilidade, garantindo que o Surdo possa circular nos vários setores da sociedade.

2.2 Outras línguas de sinais brasileiras

Como toda língua humana, a Libras passa pelo processo contínuo e gradual de variação e mudança, seja por motivações internas, seja por contato com outras LS ou Línguas Orais (SILVA, 2014, p. 2 - 3). Da mesma forma que o português não é a única língua oral falada no Brasil, a Libras também não é utilizada de forma unânime pelos Surdos brasileiros. Há outras, inclusive indígenas.

Os primeiros estudos acerca do assunto surgiram em 1980, com Lucinda Ferreira-Brito, que, em visitas a aldeias, para uma de suas pesquisas acerca de termos básicos para cores em LS, encontrou os Urubu-Kaapor, comunidade do interior do Maranhão, que, à época, possuía alta taxa de surdez. Quando a pesquisadora fez esse registro, os números eram de 1 surdo para cada grupo de 75 indígenas ouvintes. Por isso, nessa aldeia, surdos e ouvintes, falam a Língua de Sinais Kaapor, a qual possui traços similares à Libras (FERREIRA-BRITO, 1995).

Outro importante trabalho é o da pesquisadora Shirley Vilhalva (2009), que mapeou as LS-Indígenas do Mato Grosso do Sul, onde foi registrada a presença de Surdos nos povos Guarani-Kaiowá e Terena, distribuídos em 22 comunidades indígenas. Nesse trabalho, Vilhalva (op. cit.) cita Giroletti (2008), pesquisadora que – em seu estudo “Cultura surda e educação escolar Kaingang” – registra os sinais usados

por surdos em uma escola indígena de Cacique Vanhkre, na Aldeia do município de Ipuacu, Santa Catarina.

Nessa perspectiva, faz-se necessário citar a LS utilizada pelos Surdos de Várzea Queimada, cidade localizada na zona rural de Jaicós (PI). “Cena”, como é denominada por seus utentes, é sinalizada por considerável número de Surdos e ouvintes. Trata-se, segundo o antropólogo Pereira (2013, p. 9), de uma “linguagem gestovisual, que faz uso de movimentos do corpo todo, expressões faciais e outras possibilidades do entorno para construir o processo comunicativo”.

Tais registros são importantes, porque retratam uma realidade, em certa medida, desconhecida e nos remetem a outra: locais e comunidades distantes dos grandes centros urbanos, onde ainda há pessoas surdas sem conhecimento (ou simplesmente acesso) da Libras. Como é o caso de surdos que, na ausência de outros sinalizantes, utilizam a LS-Cas como meio de expressão e comunicação com familiares e pessoas do entorno, em alguns casos.

Adriano (2010) trata dessa realidade em sua dissertação intitulada “Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos”. Nesse trabalho, a pesquisadora para verificar se, nos Sinais Caseiros (SC), existem aspectos linguísticos e, ainda, se atendem aos requisitos de um sistema linguístico, analisa-os com base nos parâmetros fonético-fonológicos presentes na Libras, chegando à conclusão de que os SC:

[...] apresentam aspectos linguísticos comuns às LS, como: combinação dos parâmetros fonológicos na construção dos sinais, iconicidade e arbitrariedade, formação de novas glosas a partir de raízes já existentes (composição), representações numéricas, relações pronominais dêixis e referenciais temporais, foi possível testificar com os dados apresentados nos quadros expostos no corpo deste trabalho e nos anexos. Por apresentar esses aspectos linguísticos, acredito que os SC podem constituir-se em uma língua de sinais (ADRIANO, 2010, p. 86).

À vista disso, apresenta-se a visão do autor (2014, p. 5), as quais tratam os SC como produto da faculdade da linguagem, pois “mesmo com toda escassez de estímulo – considerado aqui do ponto de vista linguístico –, o surdo consegue construir sua língua, todavia quando tem possibilidade de interagir com o ambiente e com as pessoas ao seu redor”.

Assim, em trabalho mais recente, “Língua de sinais caseira ou simplesmente gestos? – dimensionando gestos e sinais”, os autores buscam distinguir gestos de sinais e explicar como os SC, implementados por uma informante surda, são potencialmente linguísticos, visto que contém níveis fonético-fonológicos, morfológicos, lexicais e

sintáticos. As pesquisadoras esclarecem, ainda, que, mesmo não tendo acesso a uma LS oficial ou comunitária, é a Língua de Sinais Caseira (LS-Cas) que permite a comunicação e interação do sujeito surdo com seus pares ouvintes (AUTOR, 2020)

Outro estudo que julgamos válido mencionar é o de Santos (2017, p. 64), autor surdo, que em seu Trabalho de Conclusão de Curso, resolveu relatar e analisar sua experiência enquanto utente da LS-Cas – língua para a qual reivindica valor linguístico.

As produções dos surdos, que vem de casa, precisam ser vistas como recursos linguísticos. [...] Os sinais caseiros devem ser contextualizados e valorizados no ambiente escolar do surdo, nas turmas bilíngues, no AEE entre outros espaços, para que esses sujeitos consolidem uma identidade linguística, ou seja, se aproprie da Libras e, se torne um sujeito social, cidadão (op. cit., p. 65).

Com efeito, para Santos, a valorização da LS-Cas pode resultar no estabelecimento de um elo entre o sistema linguístico conhecido do sujeito e aquele ensinado nas instituições escolares.

Todavia, de acordo com Kumada (2012) a compreensão das LS-Cas exige uma desmistificação da homogeneidade da Libras, enquanto LS única, e quebra de paradigmas, pois, para algumas pessoas, leigas ou conhecedoras da área, as LS-Cas não passam de pantomima. A esse respeito, o autor (op. cit., p. 6) mencionou ter percebido “certa obscuridade”, pois, quando um sinal não correspondia “à expectativa de um padrão da Libras poderia ser considerado errado ou corrompido, notei que o estigma recaía com mais intensidade nos ‘sinais caseiros”, como demonstra o trecho de um relato registrado pela pesquisadora:

Gestos e caseiros são a mesma coisa. Gesto é que você faz, é gestos, gestos “ah ele faz gesto”, então é caseiro, praticamente é caseiro. Faz o gesto igual do gesto, é caseiro. [...] Mímica, mímica, mímica faz do teatro. A gente [a pessoa surda] não fala sinais caseiros porque sinais é da LIBRAS, você fala errado sabia? A gente não fala sinais caseiros, a gente fala gestos, o correto (Excerto de entrevista realizada com uma pedagoga e instrutora de LIBRAS surda, 2009 citado em KUMADA, 2012, p. 6).

Sem dúvida, a discussão em torno deste tema traz luz sobre um grupo de indivíduos que, apesar de pouco mencionado, existe e é recebido, particularmente na escola, por uma LS que, simultaneamente o atrai e retrai. A atração advém do desejo de comunicação ampliada e a retração, do preconceito em relação ao sistema linguístico que traz de casa.

3 A iconicidade

Saussure (1916), considerado o pai da Linguística Moderna, desenvolveu o conceito de arbitrariedade do signo. Segundo ele, não há nenhum laço entre o significante e o significado de um signo, o qual é imotivado. A arbitrariedade seria, então, para esse teórico, a mais elevada propriedade da língua, a qual distinguiria os seres humanos dos animais. Nessa perspectiva, as formas icônicas são consideradas limitadas, ao ponto de seu significado nunca se tornar abstrato e os signos motivados, sofisticados.

Logo, se as LS têm um alto teor icônico e as formas icônicas são alvo de preconceito, isso explica porque, exceto pela lei, ainda hoje não são consideradas línguas igualmente a todas as outras, mas vistas como mímicas, sistema de comunicação universal e destituído de recursos flexíveis e versáteis o suficiente para nomear conceitos novos e expressar pensamento abstrato. (GESSER, 2013; QUADROS; KARNOPP, 2004).

Apesar disso, os pesquisadores têm julgado necessário estudar a iconicidade nas LO, muito embora os sons sejam bastante limitados no tocante à produção de formas icônicas, em comparação com as LS, cujo potencial icônico é enorme. De fato, os estudos vêm mostrando como essa estrutura conceitual impacta no sistema linguístico. Ao mapear conceitos, os pesquisadores têm observado que existe uma correspondência entre os domínios do pensamento e as formas linguísticas. (NUCKOLS, 1999)

Segundo Martelotta (2013, p. 75), “a motivação pode ter uma natureza sonora, residir nas características morfológicas da palavra ou ainda estar fundamentada nos seus aspectos semânticos”. Dessa forma, ao se observar a criação de um vocábulo, por exemplo, a partir da motivação semântica, percebe que, na relação associativa implementada pelo indivíduo, ocorre transferência de informações de um domínio de significação para outro. Na verdade, trata-se de um processo de metaforização da realidade. Em outras palavras, o nosso sistema conceptual compreende uma coisa a partir de outra. Daí o fato de se dizer que a metáfora leva à iconicidade ou deixa os sinais icônicos mais abstratos.

No primeiro caso, o indivíduo faz uma analogia entre a realidade que experimenta cotidianamente e a forma que o corpo pode exprimir com base nos sentidos que ancoram o canal de comunicação. Sob essa ótica, é preciso mencionar que mente e

corpo – segundo os cognitivistas, como assinala Martelotta (op. cit.) – não estão separados. “Ao contrário, o pensamento é *corporificado* [grifo do autor] no sentido de que sua estrutura e sua organização estão diretamente associadas à estrutura do nosso corpo, bem como às nossas restrições de percepção e movimento no espaço” (op. cit., p. 181).

Já no segundo caso, utiliza-se o ícone, o que há de mais concreto em nossas mentes, no momento, para tratar de assuntos abstratos, já que não conseguimos acessar diretamente as ideias em seu nível mental. Desse modo, Martelotta (2013, p. 79), com base nos estudos de Werner e Kaplan (1963), conclui:

[...] conceitos concretos são empregados para descrever fenômenos menos concretos e mais difíceis de serem conceptualizados. Ou seja, entidades concretas, perceptíveis pelos nossos sentidos corporais e, portanto, mais claramente delineadas e estruturadas, servem de base para a nossa compreensão de ideias abstratas, sensações, e, de um modo geral, experiências não físicas, que por sua natureza mental ou sensorial são mais difíceis de serem conceptualizadas. (Ibidem)

Assim, levando em consideração o primeiro caso, a Teoria de Taub (2000), Construção Analógica de Iconicidade Linguística, nos permite pensar a iconicidade como um mecanismo em que o indivíduo, ao perceber a realidade, busca os recursos linguísticos, mais precisamente os fonéticos, para que funcionem como analogia entre imagem e referente. Trata-se de um processo que se constitui de três etapas: seleção de imagem, esquematização e codificação.

Na seleção de imagem, ocorre a escolha de uma imagem representativa do objeto, a escolha pode acontecer de duas formas, a primeira é através de um processo cognitivo metonímico e a outra por uma associação entre imagem e conceito carregando consigo um traço específico do objeto em referência. No processo de esquematização, acontece a extração do traço mais marcante da imagem escolhida assim como passa o foco para o nível fonético da língua. Por fim, acontece a codificação, momento em que a imagem esquematizada assume a forma linguística; é quando os parâmetros são escolhidos, apesar de ainda haver preservação da estrutura original da imagem selecionada.

Segundo o autor (2016), apesar da semelhança entre imagem e conceito, o objetivo da língua não é unicamente essa analogia e sim a relação entre o objeto referenciado e a experiência humana e cultural de seu criador. Isso significa que um mesmo objeto pode ter diversas representações, pois a iconicidade presente nele é

gerada através dos processos mentais e culturais do indivíduo. Nas línguas orais, isso também ocorre, por exemplo, uma criança pode referir-se a uma galinha nomeando-a “có có”, mas outra criança pode designar o mesmo animal, utilizando outras formas fonéticas para produzir o mesmo efeito.

Por muito tempo, acreditou-se que as línguas de sinais não poderiam ser línguas devido à iconicidade presente nelas, um exemplo seria o sinal de CASA, o qual lembra o teto de uma casa. Entretanto, nas línguas orais, como o Português, temos o que chamamos de onomatopeias, uma figura de linguagem que reproduz fonemas ou palavras que imitam os sons naturais, v.g., o carcarejo da galinha, como mencionado acima.

A iconicidade presente nas Línguas de Sinais ocorre, principalmente, por conta da parte fonológica dos sinais que envolvem as mãos, o movimento no espaço, o que torna possível a representação icônica. No entanto, cada LS escolhe uma característica do objeto referenciado como motivação para a “criação” dos sinais.

Se os sinais fossem completamente icônicos, seriam iguais em todas as línguas de sinais. Porém, é justamente o contrário: cada povo vê os objetos, seres e eventos representados em seus sinais ou palavras sob uma determinada ótica ou perspectiva. Sendo assim, podemos concluir que a iconicidade é uma representação convencional relacionada à língua/cultura do próprio país, pois cada língua capta facetas diferentes do mesmo objeto através dos sinais (BERNARDINO; SILVA; PASSOS, 2011, p. 4).

A iconicidade, nas Línguas de Sinais, é mais frequente. Isso porque, diferentemente das línguas orais, as línguas da modalidade visuoespacial aproveitam-se dos estímulos visuais que apenas a linguagem no modo visual pode proporcionar.

Assim, um idioma executado em uma codificação espacial-visual pode tirar proveito de oportunidades icônicas disponíveis que estão indisponíveis nas línguas faladas. Isto é, as línguas de sinais são articuladas espacialmente e são percebidas visualmente; usam o espaço e as dimensões para constituir seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos e para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais (NUNES, 2013, p. 250).

Esses estímulos abrem diversas possibilidades para as línguas de sinais, permitindo uma maior exploração da língua e de seu uso, assim como do seu sistema linguístico. Entretanto, para Costa (2012, p. 26), a iconicidade não está presente apenas nas línguas de sinais. Segundo esse autor:

Abordagens mostram que a iconicidade tem um papel importante em todas as línguas naturais e que a gramática das línguas é essencialmente motivada. Os estudos da gestualidade com línguas faladas têm mostrado a importância de

gestos manuais, expressões faciais e corporais e uso do espaço atuando conjuntamente ao uso da fala (COSTA, 2012, p. 26).

Dessa forma, é preciso salientar que, em todas as línguas, existe uma motivação para a criação lexical, embora essa motivação possa se perder no decorrer do uso da língua. As línguas não são totalmente arbitrárias, nem completamente icônicas, o que ocorre, nas Línguas de Sinais, é que alguns sinais são mais icônicos e outros mais arbitrários (op. cit.).

4 Metodologia

Este trabalho configura-se como uma pesquisa básica, de natureza descritiva. De acordo com Gil (2002), este tipo de estudo visa descrever características de determinada comunidade, população ou fenômeno. Nesta pesquisa, iremos observar, descrever como ocorre a iconicidade nas Línguas de Sinais Caseiras¹.

Para esse estudo, foram utilizados os dados dos *corpora* do autor (no prelo), docente na Universidade Federal do Acre, para a pesquisa “Vendo vozes e ouvindo mãos: o que nos dizem os sinais caseiros sobre a aquisição de linguagem ou da linguagem?”, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Salvador, na Bahia. Ambos os sujeitos assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. No entanto, os sinais, dados oriundos dos registros em vídeos feitos na época da coleta de dados, foram fotografados, tendo um dos autores desse estudo como modelo, a fim de resguardar os sujeitos e obter imagens mais nítidas.

O rapaz e a moça que fazem parte dessa pesquisa nasceram em Porto Walter (AC), na região do vale do Juruá. Ele é ribeirinho e morador de um ramal isolado, de difícil acesso. Já a garota mora em um ramal circunvizinho à sede do município de Cruzeiro do Sul (AC). Os dois são surdos severos/profundos, filhos de pais ouvintes falantes do português e não conheciam a Libras, até o momento da coleta de dados. Por questões éticas, neste trabalho, o rapaz será designado de participante M1 e a moça, participante F2.

Para conhecer os sujeitos, foram feitas entrevistas com suas mães, a partir de um formulário de anamnese. De acordo com as informações obtidas, a mãe do participante

¹ O uso de LS-Cas no plural deve-se ao fato de esses sistema originar-se de núcleos familiares distintos, além do que seus sinalizantes nunca tiveram contato com qualquer LS nem entre si.

M1 não passou por quaisquer problemas durante a gravidez. Ele nasceu no nono mês, de parto normal. Era uma criança completamente sadia, falando suas primeiras palavras por volta de 1 ano de idade. Todavia, perto de 1 ano e 6 meses de vida, teve uma grave febre acompanhada de convulsões e, após o ocorrido, perdeu a audição. Na família, já havia casos de surdez, sendo assim a reação à perda de audição foi completamente normal.

A mãe da participante F2 teve uma gravidez mais complicada, porém, o parto aconteceu naturalmente no nono mês. Nasceu uma criança completamente sadia. A surdez foi percebida pela própria mãe, ao comparar a filha com os outros irmãos. A família aceitou a surdez e nunca procurou médico.

Os sujeitos foram orientados a participar do teste de técnica de Nomeação Espontânea (Anexo F), a qual consiste, segundo Teixeira (2006), em mostrar imagens aos indivíduos, para que evoquem, espontaneamente, os itens lexicais pertencentes aos seguintes campos semânticos: casa (utensílios de cozinha e eletrodomésticos), material de higiene pessoal (escova de dentes, pente), material escolar (caderno, cola), alimentos (frutas e doces), meios de transporte, lugares, animais etc. O teste de eliciação continha 78 enunciados.

Para análise dos dados, os vídeos com as produções dos sujeitos, primeiro, foram editados quadro a quadro, a fim de segmentar o sinal. Em seguida, foi construída uma tabela no aplicativo Word, com os quadros (partes) de cada sinal. Como já mencionado, seguimos o construto teórico de Taub (2000), Modelo de Construção Analógica de Iconicidade Linguística, descrito pelas pesquisadoras (2016). Assim, de posse dos dados, identificamos os sinais icônicos, descrevemo-los a partir de seus parâmetros, a fim de verificar como ocorre a iconicidade nesses sinais.

5 Analisando os sinais caseiros

Neste estudo, trabalhamos com 143 enunciados, provenientes da produção de ambos os sujeitos. Como mencionado acima, começamos a análise identificando os sinais icônicos, e constatamos que todos têm um alto grau de iconicidade. Em momento seguinte, descrevemos sua forma fonético-fonológica no tocante aos parâmetros e, por fim, analisamos a iconicidade como base no Modelo supra mencionado.

5.1 A estrutura fonético-fonológica dos sinais caseiros

Um dos níveis de estruturação das línguas naturais é o fonético-fonológico, no qual as menores unidades distintivas da língua (i.e. fonemas) se juntam para formar unidades significativas (morfemas, palavras/sinais). Nas LS, os fonemas são, comumente, chamados de parâmetros. Portanto, foram essas as unidades que buscamos identificar nos SC produzidos pelos participantes da pesquisa.

Em ambos os repertórios, pudemos notar que os sinais são decomponíveis e estruturam-se a partir dos seguintes parâmetros: Configuração de Mão (CM), Orientação (Or.), Locação (L), Movimento (M) e Expressão Não-Manual (ENM), como mostra a ilustração abaixo.

Figura 1 – Imagem do sinal CACHORRO produzido pela participante F2

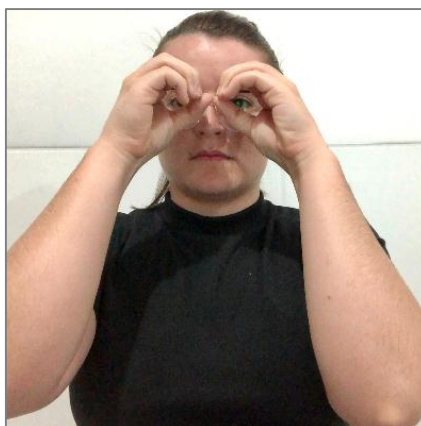


Fonte: Adaptação dos dados do autor (no prelo).

Nessa Figura 1 (acima), o sinal CACHORRO estrutura-se a partir dos seguintes parâmetros: CM – mão espalmada com dedos unidos e flexionados na região proximal, polegar à frente dos dedos; Or. – palma orientada para esquerda; L – altura da boca; M – movimento de aproximação e distanciamento (abrir e fechar) de dedos e polegar; ENM – o movimento da boca, em simultâneo ao momento da produção do sinal.

O sinal CORUJA (Figura 2), produzido por ambas as mãos e sem Movimento, constitui-se da seguinte forma: CM – nas duas mãos, as pontas do polegar e indicador se juntam, sendo que os outros dedos também se flexionam, ajudando a formar um círculo; L – as mãos são colocadas próximas aos olhos.

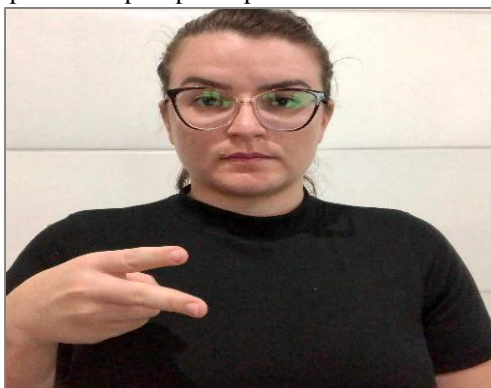
Figura 2 – Imagem do sinal CORUJA produzido pelo participante M1



Fonte: Adaptação dos dados do autor (no prelo).

Conforme a Figura 3, observa-se que o sinal TESOURA realiza-se da seguinte maneira: CM – mão com os dedos polegar, anelar e mindinho flexionados junto à palma, aos dedos indicadores e dedo médio; Or. – palma voltada para a esquerda; L – mão localizada no espaço neutro, à frente do corpo, na altura do busto; M – os dedos indicador e dedo médio produzem movimento de aproximação e distanciamento (abrir e fechar).

Figura 3 – Imagem do sinal TESOURA produzido pela participante 2



Fonte: Adaptação dos dados do autor (no prelo).

Assim, não só nesses, mas também em outros sinais produzidos pelos sujeitos, foram encontrados os parâmetros. No entanto, é preciso lembrar que, dada a estrutura de cada sinal, alguns possuem Movimento, outros não; a Locação pode ser ancorado no corpo ou em espaço neutro; a orientação delinea-se a partir da CM, por isso, em alguns momentos, não há necessidade de mencioná-la; e, quanto às ENM, ora fazem-se presentes na constituição ora não. Nesse sentido, faz-se necessário mencionar que esse também é o comportamentos dos parâmetros da Libras.

5.2 Análise dos sinais caseiros segundo o modelo de construção analógica de iconicidade linguística

Ao percebermos que todos os sinais são icônicos, passamos a analisá-los segundo o Modelo de Taub (2000): seleção de imagem, esquematização e codificação.




Entretanto, quando começamos a verificar quais imagens os sujeitos selecionaram para estruturação do sinal, percebemos que alguns sinais se constituem em uma dimensão estritamente visual e outros pautam-se na ação que envolve o objeto, como demonstram os autores (op. cit.) em seus achados.

Diante disso, decidimos restringir nossos dados aos sinais que retratam a imagem vista, de modo a recuperar sua forma e/ou contorno. Assim, nesta etapa da pesquisa, passamos a trabalhar com 97 enunciados visuogestuais.


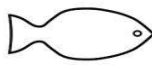
5.2.1 Etapa 1: seleção de imagem

Na etapa de seleção de imagem, é possível observar claramente o recorte de realidade produzido pelo sujeito para construção do sinal. No Quadro abaixo, podemos ver a “fotografia da realidade”² e o recorte que o sujeito faz para extrair a forma que será recuperada.

Figura 4 – Relação entre a fotografia da realidade e o recorte perceptivo do sujeito, na Etapa de Seleção.

Fotografia da realidade	Recorte	
IMAGENS	PARTICIPANTE M1	PARTICIPANTE F2
 COPO	 [forma cilíndrica]	
 FOGÃO	 +  [chama] + [forma]	 [chama]
		

² “Fotografia da realidade”, neste texto, é um termo utilizado para tentar traduzir as possíveis percepções do indivíduo no tocante às entidades vistas. É preciso deixar claro que não se trata das imagens mostradas no momento do Teste de Nomeação Espontânea (TEIXEIRA, 2006).

CACHORRO	[cabeça do cachorro]	[boca do cachorro]
		
PEIXE	[silhueta do peixe]	











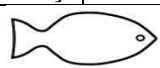
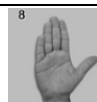
Fonte: Elaborado pelas autores com imagens retiradas do Google Imagens.

Por meio desse quadro ilustrativo (Figura 4), pode-se observar que a percepção dos participantes é que determina o recorte da realidade, de modo que, em alguns momentos, o aspecto percebido coincide e, em outros, não. Para as imagens de COPO e PEIXE, ambos selecionaram, a “forma cilíndrica” e a “silhueta do animal”, respectivamente. Para FOGÃO, houve uma coincidência na escolha da “chama”, porém o participante M1, pensou em também recuperar a forma do objeto, daí o fato de seu sinal ser composto. E, no tocante à imagem do CACHORRO, ambos pensaram no “animal latindo”, entretanto, M1 selecionou a “cabeça do animal” e F2, apenas a “boca”.

5.2.2 Etapa 2: Esquematisação

A Etapa de Esquematisação é caracterizada pelo distanciamento entre significante e significado, pois, além da ideia evocada pela imagem, esse é o momento de articulá-la a uma forma material, consoante os recursos fonético-fonológicos disponíveis.

Figura 5 – Relação entre o recorte perceptivo e os recursos fonético-fonológicos de que os sujeitos, na Etapa de Esquematisação.

Recorte		Recursos fonético-fonológicos	
PARTICIPANTE M1	PARTICIPANTE F2	Unidades gestovisuais mínimas (parâmetros)	
 [forma cilíndrica]		 20	
 [chama] + [forma]	 [chama]	 5	 8
 [cabeça do cachorro]	 [boca do cachorro]		 23
 [silhueta do peixe]		 8	

Fonte: Elaborado pelas autores com imagens retiradas do Google Imagens.

Como mostra o quadro ilustrativo (Figura 5), a mão do sinalizante conforma-se aos traços mais salientes da forma, tentando retratá-la da melhor maneira possível. Além da CM, outros parâmetros ajudaram na estruturação do sinal. Em COPO, FOGÃO e PEIXE, seguindo essa ordem, há: 1) o Movimento de elevar a mão até a boca; 2) mexer dedos e polegar de modo breve e alternadamente; e 3) produzir um movimento sinuoso.

Nesse quadro, porém, nota-se que o participante M1 optou por utilizar um recurso não-manual, que é a corporificação do conteúdo por meio de processo mimético³. No caso, ele utilizou o próprio rosto para compor o sinal, o que aumenta ainda mais as possibilidades gesto espaciais do sujeito.

5.2.3 Etapa 3: Codificação

Na etapa de Codificação, observa-se que todos os parâmetros escolhidos passam juntos a compor o sinal. Se houve concorrência entre duas mais formas, nessa fase, as escolhas já foram feitas. Nesse sentido, podemos inferir que se há diferentes percepções (modo de recortar a realidade) no que tange aos sujeitos, também deve haver em relação ao próprio sujeito que, entre um recurso e outro, faz sua opção.

Além disso, esta etapa nos mostra que, ao final, a estrutura do referente é preservada, mesmo que os parâmetros, quando vistos isoladamente, não traduzam diretamente nenhum traço relativo a objetos ou entidades. Todavia, não há como negar o caráter motivado das unidades fonético-fonológicas quando agrupadas na formação do sinal.




Por exemplo, ao olhar esta CM  não se percebe nela nenhum traço legitimamente icônico. Entretanto, quando à CM é acrescida a Locação, como ilustra a Figura 6, passamos a inferir algumas possibilidades.

Figura 6 – Ilustração dos parâmetros CM e L

³ Segundo Tânia Felipe (2006), trata-se de um dos mecanismos de formação de sinais.



Fonte: Adaptação dos dados do autor (no prelo).

À vista disso, ao relacionar esse significante ao significado, percebemos que, embora a Etapa de Codificação seja regida por princípios distintos daqueles presentes na fase de Seleção, onde há um recorte perceptivamente motivado, ainda assim a opção é por formas que mantenham traços inerentes ao objeto, o que torna o sinal legitimamente icônico até que seu referente sofra alguma alteração ou a forma passe a representar conteúdos associados ou mais abstratos.

6 Considerações finais

Neste nosso trabalho, pudemos constatar que todos os sinais da LS-Cas dos participantes M1 e F2 são constituídos dos parâmetros: Configuração de mãos, Movimento, Ponto de Articulação, Orientação e Expressão Não-Manual. Nessa medida, a observação de tais unidades mínimas, a partir do Modelo de Construção Analógica de Iconicidade Linguística (TAUB), nos permitiu descrever alguns aspectos relativos à questão em tela.

Dito isto, constatamos que todos os sinais são icônicos, ainda que alguns retratem mais fortemente a experiência visual e outros atenham-se às ações (situações) em que o objeto/entidade está envolvido. E, em relação ao primeiro caso, alvo de nosso trabalho, notamos que, no tocante à iconicidade, existem semelhanças, ainda que as características mudem conforme a percepção de cada sujeito.

Além disso, a formação dos sinais estudados segue as mesmas etapas descritas por Taub (ibidem) em sua teoria: seleção, esquematização e codificação, o que nos mostra um nível de organização satisfatório na combinação de parâmetros e, conseqüente, formação dos sinais, na LS-Cas.

Esta pesquisa, apesar de ter apenas dois sujeitos, traz informações pertinentes quanto à presença da iconicidade nas LS-Cas, demonstrando que esse sistema linguístico, mesmo tendo signos motivados, possui uma sistematicidade que precisa ser descrita e analisada. Dessa forma, esperamos ter contribuído um pouco com a Ciência da Linguagem e os Estudos Surdos, ao nos debruçarmos sobre a Língua de Sinais Caseira.

Referências

ADRIANO, N. A. Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos. 2010. 100 f. **Dissertação** (Mestre em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103258>

ALVES, E. G.; FRASSETO, S. S. Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. **Aletheia**. Canoas, RS, v. 46, p.211-221, jan./abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-3942015001&lng=pt. Acesso em: 25 mai. 2021.

BRASIL. Constituição. **Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Portal da Legislação. Brasília, DF. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 31 mai. 2021.

BERNARDINO, E. L. A., et. al. **Iconicidade, simultaneidade e uso do espaço em Libras**. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/63054846/4-Iconicidade-de-Simultaneidade-e-uso-do-espaco-em-Libras-Bernardino-Silva-e-Passos>.

CAMACHO, R. G., et. al. Transparência linguística. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, v. 17, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/8649536>. Acesso em: 05 jun. 2021.

AUTOR. Vendo vozes e ouvindo mãos: o que nos dizem as línguas de sinais caseiras sobre a aquisição de linguagem ou da linguagem?. **Tese** (Doutorado). Programa de Pós-Graduação de Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador. (No prelo).

AUTOR. O Problema da iconicidade na elicitação dos dados. **Letrando**. v. 4, jan-jun. 2016, p. 08-21. Disponível em: <http://www.revistaletrando.com.br/revista/volume4/05.Elizabeth-Ivanete.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

AUTOR. Sinais caseiros: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e consequente aquisição de Libras e português escrito como L2. In: **SIELP**, 2014. Uberlândia. Anais do SIELP, 2014. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/535.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2020.

AUTOR. **Língua de sinais caseira ou simplesmente gestos?** - Dimensionando gestos e sinais. EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32459>. Acesso em: 31 mai. 2021.

COSTA, V. H. S. Iconicidade e Produtividade na Língua Brasileira de Sinais: a dupla articulação da linguagem em perspectiva. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. UFSC. Florianópolis, 2012.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KUMADA, K. M. O. “No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala, ele não tem libras, né?”: representações sobre línguas de sinais caseiras. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. IEL/UNICAMP, Campinas, 2012.

MARTELLOTA, M. E (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

NUNES, V. F. Iconicidade e corporificação em sinais de Libras: uma abordagem cognitiva. In: CARVALHO, G., et. al. (Org.). **Linguagem: teoria, análise e aplicações**. Rio de Janeiro, 2013, p. 245-253.

PEREIRA, É. L. “Fazendo cena na cidade dos mudos”: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. **Tese** (Doutorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PEREIRA, S. L. P.; LIMBERTI, R. de C. A. P. A relação entre a iconicidade e os classificadores na língua brasileira de sinais. **Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS**, Campo Grande, vol. 23, n. 45, p. 162 - 177, 2019. Disponível em: <https://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/view/6276>. Acesso em: 06 jun. 2021.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, L. V. dos. A visologia dos sinais caseiros utilizados por surdos e seus familiares em Amargosa-Bahia: diferenças e semelhanças entre os sinais caseiros e sinais das libras. 2017. **TCC** (Licenciatura em Letras). UFRB, Amargosa, 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVA, S. G. de L. da. Variação sociolinguística: estudo de caso na língua brasileira de sinais. **Revista Línguas & Letras**. Unioeste, Vol. 15, n.31, 2014. Disponível em:

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/view/699/showToc>. Acesso em: 26 mai. 2021.

TAUB, S. Iconicity in American sign language: concrete and metaphorical applications. **Spacial cognition and computation**. Netherlands, 2000, n. 2, p. 31-50.

TEIXEIRA, V. G. A iconicidade e arbitrariedade na Libras. **CIFEFIL**, Mato Grosso do Sul, 2015. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/A%20iconicidade%20e%20arbitrariedade%20na%20Libras%20-%20VANESSA.pdf. Acesso em: 22 dez 2020.

TEIXEIRA, E. R. **Exame Fonético-Fonológico ERT**. Salvador: (s./e.). 2006.

VILHALVA, S. Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92972>